

ULISSES EM AUSCHWITZ: A RELEITURA DE UM MITO

Claudia Fernanda de Campos MAURO

Universidade Estadual Paulista- UNESP- FCL/Araraquara

claudiamauro@fclar.unesp.br

Resumo: Este trabalho parte do mito de Ulisses retomado por Dante e se concentra na leitura feita por Levi do canto dantesco, bem como da (re) elaboração da última aventura do herói grego no contexto da história pessoal do escritor. Trata-se de um moderno Ulisses apresentando uma visão moderna do Inferno. Em Dante, Ulisses está entre as almas condenadas a pagar eternamente seus pecados e, ao mesmo tempo, testemunhas e narradores, capazes de contar o processo da própria morte. Neste sentido, o viajante grego tornou-se, a partir da publicação da obra de memória do Holocausto escrita por Primo Levi, o símbolo do testemunho dos campos de concentração. O exemplo clássico da presença de Dante na narrativa de Levi é o capítulo XI do livro *Se questo è un uomo*, intitulado *Il canto di Ulisse*, onde prosa e poesia se encontram. O mito de Ulisses, que representa a exaltação do homem inteligente, ávido de conhecimento, que chega às portas do grande mistério da existência humana torna-se, em Levi, um instrumento didático. Recitar uma poesia assume, no universo do campo de concentração, o valor de um ato político e humano, uma afirmação coletiva dos valores que aquele sistema pretendia destruir.

Palavras-chave: Primo Levi; literatura italiana; mito de Ulisses; Holocausto

Se as alusões ao “Inferno”, primeira das três partes da *Divina Commedia*, de Dante Alighieri, aparecem constantemente na literatura de todos os tempos não é, certamente, por questões escolásticas e nem por necessidade religiosa mas, talvez, porque cada uma das almas condenadas a pagar eternamente seus pecados são, ao mesmo tempo, testemunhas e narradores, capazes de contar o processo da própria morte e Ulisses está entre eles. Neste sentido, o viajante grego tornou-se, a partir da publicação da obra de memória do Holocausto escrita por Primo Levi, o símbolo do testemunho dos campos de concentração. O exemplo clássico da presença de Dante na narrativa de Levi é o capítulo XI do livro *Se questo è un uomo*, intitulado *Il canto di Ulisse*, onde prosa e poesia se encontram; o narrador Primo Levi, seis séculos depois de Dante, dá uma aula de italiano a um companheiro do campo de concentração, recitando-lhe alguns trechos do canto XXVI do “Inferno” de Dante. O mito de Ulisses, que representa a exaltação do homem inteligente, ávido de conhecimento, que chega às portas do grande mistério da existência humana torna-se, em Levi, um instrumento didático. Recitar uma poesia assume, no universo do campo de concentração, o valor de um ato político e humano, uma afirmação coletiva dos valores que aquele sistema pretendia destruir. Nas condições de vida do campo, a relação com a poesia revela-se essencial, algo que ajuda a resistir à destruição da própria língua e à perda da própria identidade. Em Levi, a poesia é a afirmação da humanidade, algo que mostra ao deportado que ele não está fora do mundo. Assim, a dignidade do homem e o mistério da vontade de Deus penetram, através do

pagão Ulisses, do cristão Dante e do judeu Levi, o mundo absurdo e desumano do campo de concentração. Este trabalho parte do mito de Ulisses retomado por Dante e se concentra na leitura feita por Levi do canto dantesco, bem como da (re) elaboração da última aventura do herói grego no contexto da história pessoal do escritor. Trata-se de um moderno Ulisses apresentando uma visão moderna do Inferno.

Antes de dar início à análise da presença da figura do Ulisses de Dante na narrativa de memória/testemunho de Primo Levi, gostaríamos de deixar clara a enorme influência de Dante Alighieri em toda a estrutura de *Se questo è un uomo*, de Levi. Logo na descrição inicial de seu “moderno inferno”, Levi faz referência à viagem em direção ao “fundo”, que remete, imediatamente, à estrutura afunilada do inferno de Dante, onde o fundo representa a parte reservada aos pecados mais graves e onde, também, se encontra a figura de Lúcifer: *in viaggio verso il nulla, in viaggio all’ingiù, verso il fondo*. Os alemães são relacionados à figura de *Cérbero* que, em Dante, acolhia as almas dos condenados; em Levi estes *cerberi*, com seus *barbarici latrati*, acolhem os que desembarcam dos trens na rampa de Auschwitz. Também a figura do demônio Caronte marca sua presença no ato de livrar os condenados de tudo o que pudesse pertencer ao mundo exterior, como dinheiro, jóias, relógios, objetos de uso pessoal etc.

Accende una pila tascabile, e (...) ci domanda cortesemente ad uno ad uno, in tedesco e in lingua franca, se abbiamo danaro od orologi da cedergli: tanto dopo non ci servono più. Non è un comando, non è regolamento questo: si vede bene che è una piccola iniziativa privata del nostro caronte. (LEVI, 1989, p. 18).

A escrita na porta de entrada de Auschwitz, *Arbeit macht frei*, dialoga com sinistro eufemismo com a inscrição dantesca na entrada do inferno, *lasciate ogni speranza voi che entrate*. As referências à *Divina commedia* vão se tornando, ao longo da narrativa, cada vez mais explícitas: *Oggi, ai nostri giorni, l’inferno deve essere così, una camera grande e vuota, e noi stanchi di stare in piedi, e c’è un rubinetto che gocciola e l’acqua non si può bere* (LEVI, 1989, p.19). Levi (1989, p. 20) também registra o gesto humano de pudor natural, saído diretamente dos afrescos do Juízo final: *entra un vento gelido e noi siamo nudi e ci copriamo il ventre con le braccia*.

Conclui-se o primeiro dia no campo de concentração, ao qual o próprio Levi chama, lembrando-se de Dante, de anti-inferno; os deportados nus, com os pelos raspados, sem nome e vestindo sórdidos uniformes de prisioneiros. Este é um dia de *ignavia* (termo presente em Dante e que significa inércia) forçada, em que os prisioneiros, submetidos a um cuidadoso tratamento de destruição física e moral, ainda não estão colocados no mundo do trabalho forçado, que é a regra máxima do campo, em conformidade com a inscrição no portão de entrada. Outro elemento muito importante nesta obra de Primo Levi é a enfermaria de Auschwitz (Ka-Be), que pode ser visto como correspondente ao *limbo* do inferno dantesco; ali, os prisioneiros estavam temporariamente protegidos do cansaço e dos castigos físicos, da dolorosa confusão de línguas desconhecidas, do doloroso despertar sob o grito de *wstawac*.

La vita del Ka-Be è vita di limbo. I disagi materiale sono relativamente pochi, a parte la fame e le sofferenze inerenti alle malattie. Non fa freddo, non si lavora, e, a meno di commettere qualche grave mancanza, non si viene percossi. (LEVI, 1989, p. 44).

Estar na enfermaria também significa ser poupado da visão dos companheiros que *bestialmente, orinano correndo per risparmiare tempo* (LEVI, 1989, p. 34) e, assim, chegar a

tempo para a distribuição do pão. Na enfermaria, porém, não se está livre de ouvir, ao longe, a música executada pela orquestra de Auschwitz, que acompanha, em meio à névoa, a marcha de ida e de volta do trabalho:

marce e canzoni popolari care a ogni tedesco. Essegiacciono incise nelle nostre menti, saranno l'ultima cosa del Lager che dimenticheremo: sono la voce del Lager. (...)Quando questa musica suona, noi sappiamo che i compagni, fuori nella nebbia, partono in marcia come automi; le loro anime sono morte e la musica li sospinge, come il vento le foglie secche, e si sostituisce alla loro volontà. (LEVI, 1989, p. 44-45)

O ritual de batismo, tão caro a Dante, também está dolorosamente presente em *Se questo è un uomo*: o número tatuado no braço permite a todos passar por todos os círculos do inferno, onde todos são obrigados a percorrer, em tempos diferentes, os diversos graus da degradação, até a aniquilação. Os tormentos descritos na obra leviana remetem aos flagelos dantescos em terras desoladas, na lama, na neve, em meio aos excrementos e no fogo; a multidão de *nudi spaventati* conduzidos pelos carrascos com gritos e golpes dolorosos, os sobreviventes que se arrastam na lama, sujando a neve preciosa. Todas estas passagens exemplificam e demonstram a influência do texto de Dante na composição das memórias de Primo Levi relativas ao período passado no campo de concentração nazista. Assim, a experiência extrema do *lager* acrescenta algo a mais aos suplícios do universo dantesco. É somente no capítulo *Il canto di Ulisse* que Levi consegue exprimir alguma esperança ao lado da inevitável tristeza. E é deste capítulo, da retomada do mito de Ulisses por Levi a partir de Dante, que trataremos a seguir.

A Divina Comédia é um dos textos pilares da literatura ocidental e, talvez, um dos mais citados e retomados por escritores pertencentes à cultura italiana e tantas outras. Nela, Dante propõe uma viagem pelos três mundos da *oltretomba*, que pode ser vista também como uma viagem em busca de conhecimento. Na viagem iniciada pela *selva oscura*, Dante encontra o herói-personagem de Homero:

“Maestro mio”, rispuos’io, “per udirti
son io piú certo; ma già m’era avviso
che così fosse, e già voleva dirti:
chi è ‘n quel foco che vien sí diviso
di sopra, che par surger de la pira
dov’ Eteòcle col fratel fu miso?”
Rispuose a me: “Là dentro si martira Ulisse [...]”
(ALIGHIERI, 1985, p. 293-294)

*né dolcezza di figlio, nè la pieta
del vecchio padre, nè ‘l debito amore
lo qual dovea Penelopè far lieta,
vincer potero dentro a me l’ardore
ch’i’ ebbi a divenir del mondo esperto
e de li vizi umani e del valore;
ma misi me per l’alto mare aperto
sol con un legno e con quella compagna
picciola da la qual non fui disertò.
(ALIGHIERI, 1985, p. 297-298)*

Na *Commedia* (título original da obra, ao qual Boccaccio acrescentou o adjetivo *Divina*), Ulisses não tem o seu retorno final na terra natal. O afeto pelo filho, o amor pelo pai e o sentimento por Penélope não são suficientes para reter a “fome” pelo novo e pelo conhecimento. O Ulisses dantesco não apresenta nenhum desejo de completar a tríade; a última etapa, o retorno, é substituída por futuras peripécias. Neste canto XXVI do “Inferno”, de fato, o guerreiro grego afirma ter atravessado o mediterrâneo, para além das legendárias colunas de Hércules, navegado por mais de cinco meses e, finalmente, avistado uma enorme montanha – *quando n'apparve una montagna bruna* (ALIGHIERI, 1985, p. 300). É na tentativa de aproximar-se dessa exuberante montanha que Ulisses e seus companheiros sofrem um naufrágio fatal, impedindo-o de chegar até a montanha e de, possivelmente, rever Ítaca. Tanto o Ulisses homérico quanto o Ulisses dantesco encarnam aspectos inerentes ao viajante e são dois arquétipos que acompanham e atravessam tanto a literatura de viagem quanto a viagem na literatura.

Um dos escritores italianos que retomaram o mito de Ulisses a partir da obra de Dante foi o piemontês, Primo Levi (1919-1987), que testemunha em seus escritos a terrível e dolorosa experiência do Holocausto, um buraco infernal na história humana do século XX. O dia-a-dia de um campo de concentração com suas atrocidades é vivenciado por este escritor, que escolhe o inferno dantesco como uma das chaves de leitura para as tragédias reais presenciadas. Os inúmeros episódios do inferno servem, assim, de metáforas para as muitas tragédias da história humana. No livro *Se questo è un uomo* (1947), a tragédia descrita é real, e a sua voracidade ganha maior corpo em alguns momentos, como no capítulo *Il canto di Ulisse*, quando o protagonista tenta ensinar italiano a um companheiro francês de nome Jean, utilizando como ponto de partida a *Divina commedia*, de Dante Alighieri. Assim, seis séculos depois da criação dantesca, no interior do campo de concentração nazista de Buna Monovitz (Auschwitz III), acontece uma extraordinária aula de italiano, que utiliza como instrumento didático o Canto XXVI. Primo Levi, *Häftling* cujo nome é um número, testemunha e participante de uma grandiosa obra de aniquilação moral e física daqueles que, um dia, tinham sido homens, põe-se a ensinar a própria língua a um deportado francês e escolhe como texto de apoio fragmentadas lembranças escolares da passagem de Dante. Jean, o amigo de Levi, o chama para irem juntos buscar a sopa daquele dia. Eles teriam cerca de uma hora de caminhada, e naquele curto espaço-tempo Levi procura transmitir a Jean um pouco de sua língua materna. Vem-lhe à mente o canto em que Ulisses narra sua morte.. Em todo o texto do capítulo fica evidente a urgência daquele momento, a necessidade de não se perder nem um segundo da lição:

(Pikolo) vorrebbe imparare l'italiano. Io sarei contento di insegnarli l'italiano: non possiamo farlo? Possiamo. Anche subito, una cosa vale l'altra, l'importante è di non perdere tempo, di non sprecare l'ora. (...) ... Il canto di Ulisse. Chissà come e perché mi è venuto in mente: ma non abbiamo tempo di scegliere, quest'ora già non è più un'ora. Se Jean è intelligente capirà. (LEVI, 1989, p.100-101).

O tempo é curto, mas a poesia é imensa: *Quale sensazione curiosa di novità si prova, se si cerca di spiegare in breve che cosa è la Divina commedia.* (LEVI, 1989, p.101). Torna-se difícil, também, traduzir para o francês certas palavras, mantendo a mesma expressividade do italiano. Há ainda as inevitáveis falhas de memória de Levi, que não consegue recordar o canto de forma integral. Assim, o canto de Ulisses chega a Jean de maneira apressada, entrecortada, com lacunas irrecuperáveis, tais qual o testemunho. Insiste-se, apesar de tudo, na urgência da poesia, pois *domani lui o io possiamo essere morti, o non vederci mai più* (LEVI, 1989, p. 103).

É num ambiente dominado pelo não sentido de humanidade e por atrocidades que Levi evoca a aventura, a beleza do mar, as aspirações pelo conhecimento e pela liberdade. Tal evocação volta a um dos momentos mais altos do “Inferno”, já mencionado anteriormente, que é o encontro com Ulisses, no canto XXVI, e o destino dado ao herói grego pelo poeta italiano. A tentativa de ensinar italiano ao companheiro francês e, ainda, o citar mais ou menos de cor versos da *Divina Commedia* aponta para dois eixos: a obstinação de enfatizar no inferno do *lager* as razões de uma humanidade e o contraste dessas mesmas razões com as condições dos prisioneiros. Levi recupera, portanto, o “Inferno” para ler a realidade à sua volta. A estrutura de Dante se atualiza e produz degradações espirituais e morte. Ao entrar em Auschwitz, o escritor se sente no inferno: *questo è l'inferno*, afirma Primo Levi (1989, p.19). O *lager* é *il fondo* (o fundo), vocábulo usado por Dante para referir-se ao inferno, é, ademais, a expressão máxima da brutalidade humana e a forma extrema da corrupção da sociedade humana. Os gritos dos prisioneiros lembram Caronte e a escrita “O trabalho nos faz livres” (*Arbeit macht frei*), colocada no alto da porta do *lager* é um contracanto tragicamente irônico do dizer dantesco na entrada do “Inferno”: *Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate*.(ALIGHIERI, 1985,p.30)

Revivida no contexto do campo de concentração, a aventura de Ulisses adquire significados novos: a proibição de ultrapassar o limite imposto pelas colunas de Hércules nazistas, a cerca elétrica, juntamente com o desesperado desejo de superar este limite são experiências tragicamente concretas, enquanto o *mare aperto* e a *montagna bruna* evocam recordações distantes; Porém, o terceto que se refere à dignidade do homem é *come uno squillo di tromba, come la voce di Dio. Per un momento, ho dimenticato chi sono e dove sono*.(LEVI, 1989, p.102). Finalmente, o professor-*häftling* se concentra atormentado no *come 'altrui piacque* tentando, desesperadamente, *prima che sia troppo tardi, domani lui o io possiamo essere morti, o non vederci mai più* (LEVI, 1989, p. 103), fazer que Pikolo compreenda *qualcosa di gigantesco che io stesso ho visto ora soltanto, nell'intuizione di un attimo, forse il perché del nostro destino, del nostro essere oggi qui....*(LEVI, 1989, p. 103). Desta forma, através deste exercício didático de Primo Levi, a dignidade do homem, o mistério de Deus e de Sua vontade passam , através deste caminho insólito por entre as engrenagens de uma máquina absurda e desumana; todo este percurso só é possível graças às figuras do pagão Ulisses, do cristão Dante e do hebreu Levi. O escritor recupera, então, as noções literárias recebidas no ginásio em uma sucessão de ondas líricas alternadas e considerações a respeito da consciência da realidade, quase em uma espécie de pranto, muitas vezes interrompido ou suspenso. Finalmente tinha compreendido o significado daquele *considerate la vostra semenza:/ fatti non foste a viver come bruti* ALIGHIERI, 1985, p.299), sempre implícito na narrativa. Trata-se de uma constante referência ao título do livro, mais um reforço do absurdo inaceitável expresso pela forma truncada *se questo è un uomo*; esta forma truncada, suspensa é a marca da história do deportado. No final do capítulo, o mar que se fecha sobre Ulisses desaparece tragicamente engolido por uma realidade desmistificadora e desmistificada .

Desta forma, uma conversa aparentemente livre e descomprometida permite a Primo Levi revelar seu estado de espírito, seu eu secreto; um momento privilegiado, em que passado e presente revelam sua proximidade. Há, nesta aula/narrativa raros momentos em que a emoção domina o discurso do escritor; um desses momentos pode ser percebido quando Levi fala da montanha avistada por Ulisses, que se destaca majestosamente no oceano e, ao mesmo tempo, pensa nos Alpes dominantes em sua terra natal , que se destacam na névoa. Mas, o que importa, realmente, é o modo como o escritor lê o canto dantesco, como o reelabora no interior de sua própria história pessoal, no momento em que a vive. Há momentos em que a memória de Levi se revela pontual e ele assume o pronome pessoal usado

por Ulisses no início de sua aventura: *e misi me per l'alto mare aperto*(ALIGHIERI, 1985, p.298). Levi acumula, então, as funções de sujeito e de objeto. Um segundo momento muito significativo se revela quando Ulisses faz um apelo eloquente àqueles poucos companheiros prontos a acompanhá-lo para além das colunas de Hércules: *considerate la vostra semenza:/ fatti non foste a viver come bruti, / ma per seguir virtute e conoscenza* (ALIGHIERI, 1985, p. 299). Trata-se de um momento de epifania, uma espécie de revelação. As palavras de Ulisses surgem como uma mensagem dirigida a todos aqueles que lutam para não serem reduzidos à condição de *bruti*, de animais.

Pikolo mi prega di ripetere. Come è buono Pikolo, si è accorto che mi sta facendo del bene. O forse è qualcosa di piú : forse, nonostante la traduzione scialba e il commento pedestre e frettoloso, ha ricevuto il messaggio, ha sentito che lo riguarda, che riguarda tutti gli uomini in travaglio, e noi in specie ; e che riguarda noi due, che osiamo ragionare di queste cose con le stanghe della zuppa sulle spalle. (LEVI, 1989, p.102).

Finalmente, por meio da memória desperta, Levi se coloca a altura do próprio conhecimento, questionando e rebelando-se contra a opressão imposta. Assim, o *häftling* cita, apoiando-se na memória, um poema, cujas palavras são um verdadeiro incentivo à ação e tornam-se elas mesmas ação, no contexto do campo de concentração.

A redescoberta do valor decisivo da vida humana guia a mente do prisioneiro para além da cerca elétrica do campo, na direção do mar aberto, símbolo da liberdade reconquistada por meio da poesia. Quanto às palavras de Ulisses, podemos perceber que elas contêm uma mensagem liberatória autêntica, como se Levi, somente agora, pudesse ser capaz de reconhecer seu sentido, sua amplitude e seu valor: *come se anch'io le sentissi per la prima volta, come uno squillo di tromba, come la você di Dio. Per un momento, ho dimenticato chi sono e dove sono.* (LEVI, 1989, p. 102). A sensação de necessidade e de urgência aumenta com a proximidade do final do canto; muito em breve, o universo do campo engolirá novamente Primo Levi e seu companheiro, exatamente como o mar engole Ulisses e sua pequena tripulação no último verso, conclusivo tanto do canto como do capítulo.

Trattengo Pikolo, è assolutamente necessario e urgente che ascolti, che comprenda questo « come altrui piacque », prima che sia troppo tardi, domani lui o io possiamo essere morti, o non vederci mai piú, devo dirgli, spiegargli del Medioevo, del cosí umano e necessario e pure inaspettato anacronismo, e altro ancora, qualcosa di gigantesco che io stesso ho visto ora soltanto, nell'intuizione di un attimo, forse il perché del nostro destino, Del nostro essere oggi qui ... (LEVI, 1989, p. 103)

A embarcação de Ulisses é engolida pelo mar, conforme decisão tomada no mundo superior, expressa na *Commedia* através de um *come altrui piacque*. Na visão de Levi, este *altrui* capaz de abater e destruir é representado, não por Deus como em Dante, mas pelo poder cego que comanda de fora do campo e que engole a todos, em um sistema de tortura e extermínio.

O último verso do Canto XXVI de Dante (1985, p.300), *infin che 'l mar fu sopra noi rinchiuso* vem colocado no final do capítulo, quando os dois prisioneiros, Levi e Pikolo, estão de volta do trabalho forçado, em meio à multidão miserável que forma uma longa fila para receber a ração de sopa, engolidos pelo mar de Auschwitz. É grande a urgente necessidade de compreender e de fazer compreender e, no final, o naufrágio. Valendo-se da

eloquência do Canto dantesco Levi, por meio de sua leitura muito particular e perfeitamente adequada aos eventos narrados, apresenta ao leitor sua visão moderna do *Inferno*, um mundo onde valores como bem e mal perdem suas características, sofrendo uma absurda deformação conceitual no interior deste drama histórico do qual Levi vem a se tornar testemunha. Na leitura leviana, o Inferno se revela um cenário trágico guiado e estruturado por meio das mãos de um *altrui* chamado Adolf Hitler. Este *altrui*, em Levi, representa um ponto de divergência em relação a Dante: não é Deus, mas os alemães e todos aqueles que colaboraram para que os prisioneiros fossem reduzidos à condição de *bruti*. Para Levi, mesmo os prisioneiros podiam, ainda que tendo de vencer enormes dificuldades, decidir se queriam viver como *bruti* e, portanto, sem nenhum tipo de identidade ou, então, se queriam preservar o pouco que lhes restava de íntimo e de individual. Levi, naturalmente, opta pela segunda possibilidade e transmite aos outros sua escolha; eis aqui Dante e a poesia: meio escolhido por Levi para dizer algo ao outro. Portanto, para Levi, a poesia é a chave de sua mensagem e a cultura é um dos elementos responsáveis por sua sobrevivência, elemento capaz de mantê-lo ligado em sua condição de homem, capaz de seguir *virtute e conoscenza*.

Por meio deste trabalho, tentamos mostrar como o episódio de Ulisses assume um papel particular no contexto do livro. A própria metáfora da viagem pelo mar, da navegação e do naufrágio está presente nos termos *sommersi* (afundados) e *salvati* (sobreviventes), tão importantes na produção memorialista de Primo Levi e que equivalem, respectivamente, àqueles que desapareceram no *lager* e àqueles que conseguiram sobreviver.

No *canto di Ulisse* manifesta-se, em toda sua totalidade, a força da literatura, que tem o poder de lembrar ao prisioneiro que este é um homem, um homem que sente fome, não só de pão mas também, como diz o próprio Levi em *La ricerca delle radici* (1997), fome de papel impresso, de conhecimento humano. Neste sentido, o poema se dirige a ele, da mesma forma que Ulisses se dirige aos companheiros, dizendo-lhe que ele não foi feito para viver como um animal. A linguagem do cotidiano do campo é, segundo Levi, um tecido mole que se deforma, uma erupção da miséria, um fel uma bile de palavras; a poesia, diante de tudo isto, restitui às palavras todo o seu valor e a lembrança de uma obra poética como a *Divina commedia* devolve à linguagem a capacidade de comunicação. Recitar o poema, então, torna-se um ato político e humano, uma afirmação dos valores que o campo de concentração deveria destruir. Dante, desta forma, oferece uma possibilidade de saída, ainda que momentânea, da monotonia e da crueldade. O poeta é aquele que já tinha falado de coisas semelhantes porém, em termos divinos; é aquele que permite a Levi encontrar uma espécie de justificativa para o mal absoluto (*altrui piacque, bruti*) e, ao mesmo tempo, uma esperança de salvação (*conoscenza, virtù*). Podemos pensar que *Se questo è un uomo*, fortalecido pela presença de Dante, é um instrumento que permite aos homens recordar, não para conduzi-los, como em Dante, de um estado de miséria a um estado de felicidade, mas a um estado de absoluta consciência.

Em Dante, no canto de Ulisses, podemos perceber a presença de um tom mais alto, de um momento de distanciamento em relação ao tom das almas pecadoras e condenadas; o mesmo acontece em Levi: Ulisses representa o caminho de fuga do campo por algum momento. O escritor se identifica com o herói grego, com a possibilidade de ir além dos limites impostos não por Deus, mas por homens como ele. Para Ulisses, o “ir além” estava ligado a uma possibilidade de adquirir conhecimento, a um desejo de saber; para Levi, ultrapassar os limites é a mensagem que diz respeito a todos os homens. Enquanto Auschwitz representa a punição aplicada pela Alemanha nazista ao povo judeu por sua audácia intelectual (Marx, Freud e outros), o naufrágio de Ulisses é a punição de um Deus que não tolera a audácia do homem. Desta maneira, o sofrimento vivido no campo adquire significado.

No texto de Primo Levi, Dante representa o fio condutor que percorre a narrativa, do início ao fim. A viagem de Levi, outrora na realidade e, agora, na escritura, é acompanhada por Dante, o mestre que, anteriormente, já tinha representado, na terra, o inferno e com quem o escritor possui muitas características literárias em comum. É, exatamente, por meio desta cultura que Levi deseja (e consegue) expor a fim de compreender sua própria experiência para, finalmente, dividi-la com todos.

[...] una facoltà ci rimasta, e dobbiamo difenderla con ogni vigore perché è l'ultima: la facoltà di negare il nostro consenso. [...] Dobbiamo dare il nero alle scarpe, non perché lo dice il regolamento, ma per dignità e per proprietà. Dobbiamo camminare diritti, senza strascicare gli zoccoli, non già in omaggio alla disciplina prussiana, ma per restare vivi, per non cominciare a morire. (LEVI, 1989, p. 36).

Referências:

ALIGHIERI, Dante. **La divina commedia**. Inferno. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1985.

LEVI, Primo. **Se questo è un uomo**. Torino: Einaudi, 1989.

_____. **La ricerca delle radici**. Torino: Einaudi, 1997.